

## Um olhar para o jornalismo cultural a partir do site Cancioneiro Gaúcho

Wellerson Madeira Leal<sup>1</sup>

Sione Gomes dos Santos<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho se propõe a visualizar o jornalismo cultural como um potencializador no registro da cultura regional. Para tal, foram enfocadas as entrevistas desenvolvidas para a elaboração do site Cancioneiro Gaúcho, disponível em <https://cancioneirogaucho.wixsite.com/cancioneirogaucho>. Como aporte teórico, recorre-se a Piza (2003) e Ballerini (2015), sendo que o percurso metodológico inclui pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo.

**Palavras-chave:** Jornalismo cultural. Música gaúcha. Cancioneiro Gaúcho.

### Abstract

This work proposes to visualize cultural journalism as a potentiator in the registration of regional culture. To this end, we focused on the interviews developed for the elaboration of the Cancioneiro Gaúcho website, available at <https://cancioneirogaucho.wixsite.com/cancioneirogaucho>. As a theoretical contribution, Piza (2003) and Ballerini (2015) are used, and the methodological approach includes bibliographic research and content analysis.

**Keywords:** Cultural journalism. Gaucho music. Cancioneiro Gaúcho.

### Introdução

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o jornalismo cultural e suas potencialidades tendo como foco as entrevistas publicadas no site Cancioneiro Gaúcho, o qual está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://cancioneirogaucho.wixsite.com/cancioneirogaucho>. Justifica-se tal estudo, em primeiro, pela circunstância de o Cancioneiro Gaúcho levar aos leitores informações da vida de artistas da cultura gaúcha e suas trajetórias no mundo da música gaúcha e, em segundo, pela característica peculiar do site ter sido pensado e desenvolvido

---

<sup>1</sup> Graduando em Jornalismo pela Universidade Franciscana/UFN. E-mail: w.leal@ufn.edu.br

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Estudos Literários/UFMS e professora de Jornalismo da Universidade Franciscana/UFN. E-mail: sionegomes@ufn.edu.br

dentro do curso de graduação de Jornalismo por este acadêmico, na disciplina Projeto de Prática Jornalística, no segundo semestre de 2021.

O estudo tem por objetivo perceber a contribuição do jornalismo cultural no registro da musicalidade, visto o site Cancioneiro Gaúcho ser uma iniciativa voltada a disponibilizar aos internautas um recorte da história musical do Rio Grande do Sul contada por seus cantores e compositores.

### **Jornalismo cultural**

No Brasil, a história do jornalismo cultural é longa e desenvolveu-se a partir do século XIX com a publicação de folhetins, seguido da introdução da crítica literária em periódicos. Adentrando o século XX, o público passou a receber “novos” formatos de conteúdo voltado a este meio, como: reportagens e entrevistas, destacando o jornalismo cultural, críticas e resenhas, o que proporcionava à população conteúdos culturalmente “ricos” no dia-dia. Para Daniel Piza (2003), o jornalismo cultural é diferente do jornalismo cotidiano “noticioso”, porque é diversificado e leva informações sobre agenda, lançamentos e eventos sobre múltiplos temas.

A prática do jornalismo cultural no Brasil, já no século XXI, enfrentou inúmeras dificuldades dadas à proporção territorial brasileira, uma vez que o país tem dimensões continentais e é repleto de diferentes folclores. Neste caso, o profissional precisou voltar seu foco para o regionalismo, mas nunca deixando de lado as produções culturais nacionais. Segundo Franthiesco Ballerini (2015), o jornalismo cultural no Brasil enfrenta outro grande problema, que é a generalização de conteúdos deste nicho.

No dia a dia, porém, os grandes veículos de imprensa quase sempre reduzem sua cobertura cultural ao eixo São Paulo-Rio de Janeiro. E, quando notam a produção de outros estados, seu olhar é pautado pelo release. Assim, apenas quem pode pagar uma assessoria de imprensa consegue chegar às páginas da mídia nacional (BALLERINI, 2015, p.11).

Tal modalidade jornalística afasta-se da diversidade de temas abordados no jornalismo cotidiano para acercar-se de temas como: músicas, cinema, teatro, dança, eventos e outros assuntos que usualmente se destacam em veículos de imprensa. Daniel Piza relata em seu livro *Jornalismo Cultural*, as opiniões sobre

filmes, livros, teatros e outros temas que vão além do cultural e, constata ainda o aperfeiçoamento da necessidade em buscar informações que enriqueçam uma notícia em seu ambiente.

O jornalismo cultural, dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia após o Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada e o Humanismo se propaga da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França. (PIZA, 2003, p. 12)

No Brasil existe uma imensidão de culturas, que vai de norte a sul, de leste a oeste, o que proporciona uma diversidade gigantesca que continua se reinventando e movendo-se a todo instante. No Rio Grande do Sul, em especial, as culturas se unem em uma só; são a população dos pampas que se juntam ao povo Uruguaio e Argentino, países com uma forte cultura *gauchesca*. Observe-se que a cultura gaúcha do Rio Grande do Sul foi fortemente influenciada pelos imigrantes europeus como os espanhóis, portugueses, italianos e alemães na segunda metade do século XIX. Com isso, a região é rica em tradições e elementos únicos na culinária e na música.

Ballerini (2015), em seu livro, busca apresentar algumas das inúmeras alternativas que possibilita a prática do jornalismo cultural de forma criativa vêm se utilizando dos recursos disponíveis na internet:

Ao ir para a página com a crítica do novo filme, no lugar da foto há o trailer, que começa imediatamente ao tocar na imagem. Na crítica de um novo livro de um escritor importante, há um link com as primeiras páginas da obra. No texto que fala do lançamento de uma banda, aparecem o clipe da música de trabalho e algumas amostras. (BALLERINI, 2015, p.178).

O termo cultural é forte e possui um peso massivo para entender e criar uma definição, pois envolve diversos costumes, valores, conceitos históricos etc. José Paulo Paes (1926-1998) explica que “cultura é tudo aquilo que a gente se lembre após ter esquecido o que leu. Revela-se no modo de falar, se sentar, de comer, de ler um texto, de olhar o mundo. É uma atitude que se aperfeiçoa no contato com a arte. Cultura não é aquilo que entra pelos olhos, é o que modifica o seu olhar”.

Enquanto isso, a cultura tende a ser um preceito que significa onde ou no qual a ordem social é desenvolvida, vivida, reproduzida e contemplada. Para

Ballerini (2015), “a cultura tem importância vital na compreensão das atitudes humanas ao longo da história”.

Notícias e informações das diferentes manifestações culturais precisam ser levadas a todos, assim gerando mais conhecimento de uma sociedade que vive a nossa volta e mudar a forma como as pessoas veem o mundo e os costumes que os cerca. Essa é a essência, importância do jornalismo.

### **Cultura gaúcha**

O gauchismo está presente não apenas no Rio Grande do Sul, mas também no estado de Santa Catarina e sul do Paraná. Esta gama cultural, aliás, vai além-fronteiras estando presente em países como: Argentina, Uruguai e Paraguai. Com isso, o estado, foco desde artigo, tornou-se uma região rica de culturas distintas, tradições, culinária e música, que hoje conhecemos como a gaúcha.

São vários os elementos que compõem a cultura gaúcha, a exemplo disto podemos citar a pilcha, indumentária utilizada pelo gaúcho. Segundo a jornalista, Aline Silveira Zuse e, ex-presidente do Conselho Municipal de Política Cultural de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, “as vestes gaúchas são um item que gera bastante discussão, em especial para quem não compreende. Nosso estado é o somatório de muitas culturas e por sua vez, uma miscelânea de contribuições étnicas. Seria quase possível dizer que, de gaúcho pouco se tem, pois, cada peça tem características e origens embasadas em etnias”. A descrição do que seria a melhor forma de representar o gauchismo se origina de inúmeras pesquisas, ou seja, nossas vestes são uma criação baseada em estudos folclóricos, entrelaçando as culturas de todos os povos que compõem nossa identidade. Aline explica que, “um exemplo é o lenço de seda, que era usado para defesa, uma vez que protegeria da lâmina de uma espada, que auxilia no suor e que, em determinada época, também indicava partido político”.

O chimarrão é também uma característica que marca a identidade da cultura gaúcha, sinônimo de hospitalidade esta bebida quente, feita com erva-mate moída, esta mistura de água, erva em um recipiente de cuia é herança cultural dos índios guaranis, o chimarrão é característica do gaúcho, seu companheiro do dia-dia. O mate (chimarrão) simboliza uma das virtudes, que melhor caracteriza o a vivência do Rio Grande do Sul: a hospitalidade. Assim como em outros estados brasileiros e

países como: Argentina, Uruguai e Paraguai, o chimarrão é mais do que um símbolo da tradição gaúcha.

### **Música gaúcha**

A música gaúcha, hoje, é considerada por muitos especialistas da área como uma das músicas mais difíceis. Não pelos estilos musicais, melodias e construções de arranjos, mas porque a poética emprega muita cultura regional. Segundo Copetti (2014) "a música gaúcha em sua essência surgiu na cultura popular do Cone Sul (Argentina, Uruguai, parte do Paraguai e no Sul do Brasil), que tem como temas principais o amor pelas tradições presentes no folclórico denominado gaúcho: o campo, o cavalo, os valores, a culinária regional e a mulher", ainda conforme o autor, "seus maiores representantes foram Teixeira, José Mendes e Gil do Freitas".

A partir da década de 70, surgiu na cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, a Califórnia da Canção Nativa, festival considerado o início de todos os festivais nativistas. Para os artistas como Baitaca, Jairo Lambari Fernandes, Lisandro Amaral e Junior Benaduce, que são parte desta pesquisa, os festivais são uma porta de entrada para o mundo da música gaúcha, uma vez que possibilita aos cantores apresentarem seus trabalhos para o público. Nos dias atuais, os festivais são transmitidos em *streaming*, o que possibilita que qualquer pessoa ao redor do globo possa acompanhar seu trabalho. Por outro lado, os cantores que são abordados neste estudo, iniciaram suas carreiras justamente em festivais nativistas e, posteriormente tiveram seus trabalhos gravados em CD e DVD.

Há cem anos a música do Rio Grande do Sul movimenta um mercado dinâmico e de proporções surpreendentes. Só a produção musical de matiz não-urbana conta com pelo menos dez mil fonogramas gravados. No cinema, passam de vinte os longametragens protagonizados por musicistas locais. De 1971 até hoje, registraram-se aproximadamente 160 festivais de música nativista, alguns com quase quarenta edições. Teixeira, o maior ídolo da música local, teria vendido em torno de 80 milhões de discos em 25 anos de carreira. (COUGO, 2010, p.12).

A musicalidade do Rio Grande do Sul possui uma significativa divisão que foi adequada ainda nos anos 1970 com os folcloristas João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes e Luiz Carlos Barbosa Lessa. Naquele momento, os estudiosos da cultura

musical gaúcha dividiram o gênero em três subgêneros: tradicionalismo, nativismo e regionalismo.

A música tradicionalista tem como base a letra e a musicalidade que compõem as coisas da natureza e do ambiente como: a terra, o chão, os costumes, o cavalo, o churrasco, o chimarrão entre outros. Por outro lado, a música nativista é uma construção baseada por uma melodia mais lenta, com letras na sua maioria, transcrevendo uma história ou, metáforas que podem transmitir um duplo sentido.

Esta divisão, contestada em intensas polêmicas ainda hoje, dificulta a utilização da nomenclatura “música regionalista gaúcha”, já que torna obrigatória a convivência conceitual de dois movimentos musicais supostamente discrepantes, o nativista e o regionalista. (COUGO, 2010, p.4).

A música gaúcha traz em seus textos, segundo Aline Zuse, “um poeta carregado de vivências, que se transpõe em linhas de memórias, sentimentos, afetos, referências, desejos, ilusões... E muitas vezes, é necessário estudar o dialeto regional para compreender mensagem”. Para a jornalista, este é um motivo que, de um lado, barra a popularização da música e, de outro, valoriza a cultura.

### **Cancioneiro Gaúcho**

O site Cancioneiro Gaúcho, disponível no endereço: <https://cancioneirogaucho.wixsite.com/cancioneirogaucho>, foi desenvolvido por este estudante no segundo semestre de 2021, e surge como produto da disciplina Projeto de Prática Jornalística, orientado pela professora Sibila Rocha. O projeto teve por objetivo colaborar com a informação repassada aos leitores de como e porque cada artista trabalha daquela forma, ou em alguns casos, a razão para cada entrevistado carrega em suas canções um estilo diferente de se expressar artisticamente, seja com suas letras, trajes ou seus nomes.

Na primeira etapa, foram realizadas quatro entrevistas com músicos e compositores da cultura gaúcha. Duas das entrevistas foram reaproveitadas de outras disciplinas, e duas foram realizadas para o projeto do site. O trabalho buscou resgatar a história da música gaúcha contada por seus artistas e suas inspirações na composição de cada letra.

A primeira entrevista, reaproveitada da disciplina de Jornalismo Cultural, orientada pelo professor Carlos Alberto Badke, foi realizada com o cantor Antônio

César Pereira Jacques (Baitaca). Entrevistou-se por telefone, com auxílio do aplicativo WhatsApp, que permitiu perguntas e respostas em forma de áudio.

A segunda entrevista, reaproveitada da disciplina de Telejornalismo II, orientada pela professora Glaise Palma, foi realizada com o cantor e compositor Jairo Alvino Fernandes, ou Jairo *Lambari* Fernandes, como é conhecido nos palcos do Rio Grande do Sul. Nessa ocasião, a entrevista foi conduzida a um *estilo* de conversa ao ser realizada com auxílio do aplicativo Google Meet. Teve a duração de aproximadamente uma hora e vinte minutos.

O terceiro entrevistado, agora sob orientação da professora Sibila Rocha e já voltada especificamente para o projeto do site, foi o cantor e compositor Lisandro Amaral. A conversa se permitiu através do aplicativo WhatsApp, no decorrer de uma semana.

O quarto entrevistado no mundo da música gaúcha, Junior Benaduce, carrega um estilo mais alternativo em suas composições. Na ocasião da entrevista, a conversa foi conduzida pelo aplicativo de WhatsApp.

Posteriormente, o site foi atualizado na disciplina de Jornalismo Digital, sob orientação do professor Iuri Lammel. Desde a elaboração até a conclusão do site *Cancioneiro Gaúcho*, foram aplicadas técnicas para facilitar a conexão do leitor com seus artistas favoritos, como hiperlinks, que os direcionava para suas páginas oficiais no Instagram, Facebook e Youtube, além vídeos e fotos que contextualizavam com a fala e a história de cada entrevistado.

## **O perfil dos músicos**

### ***Baitaca***

Cantor e compositor, Antônio César Pereira Jacques, de 55 anos, conhecido por Baitaca. O cantor herdou o apelido, Baitaca, de seu avô, cujo nome refere-se à Maitaca, ave nativa Brasileira, muito encontrada na região missioneira.

O artista continua a levar uma vida de peão campeiro onde nasceu, na localidade de Rincão dos Pintos, interior do município de São Luiz Gonzaga. E a relação com suas origens também é manifestada na indumentária que está

habitado a usar. “Bombacha bem larga e lenço no pescoço, sempre pilchado”, relata o músico.

Baitaca carrega em seus versos músicas compostas por ele que em sua maioria possuem duplo sentido, tais como, *História do Tico Loco*, *Campeiro não tem enfeite*, *Reformando a muié véia*, *Pinto Coió* entre outras. Para Baitaca, “as letras musicais compostas contam histórias sobre a vida no campo, além de serem fieis ao estilo galponeiro”. Baitaca compõem em suas melodias a vivência do homem rural em sua essência tradicionalista.

### ***Jairo Lambari Fernandes***

Cantor e compositor, Jairo Alvinio Fernandes, ou Jairo *Lambari* Fernandes, como é conhecido nos palcos do Rio Grande do Sul, tem 53 anos, é oriundo da cidade de Cacequi. Jairo continua a levar uma vida de peão e hoje reside em Cachoeira do Sul. Ele traz em suas canções o romantismo, mas sempre com referências ao cotidiano da vida campeira.

Jairo herdou o apelido, Lambari, das partidas de futebol. O artista contou que nunca foi um bom jogador, nem no gol, nem na linha, mas sempre o chamavam para jogar. “Na época, eu era muito magrinho e os mais velhos começaram a me chamar – Vem jogar com a gente, Lambarzinho. E na época ficou Lambari, Lambari”, disse. “Quando iniciei na música, foi necessário um nome que marcasse. E ninguém conhecia o Jairo Fernandes, mas sim o Jairo Lambari”, complementa o cantor sobre seu apelido.

O cantor conta que seu dia-dia é vestido de bombacha estilo Argentina, quase sempre pilchado. Além de manter em suas fatiotas a tradição do Rio Grande do Sul a um estilo da fronteira. Entre versos e poemas, Jairo Lambari leva o romantismo do homem do campo encilhado de apreços, simpatia e muito amor em suas composições.

### ***Lisandro Amaral***

Cantor e compositor, da cidade de Bagé, região dos Pampas, Lisandro Amaral, tem 40 anos. Sua obra é marcada pela grande valorização das origens e do trabalho no campo.

O cantor contou que em suas canções uma harmonia entre a tradição gaúcha e a contemporaneidade. Amaral possui a musicalidade de Noel Guarany, e tem como sua inspiração os poemas de Jaime Caetano Braun. Um canto ancestral é o que define as obras de Lisandro Amara. Mesclando emoções e autenticidade, o cantor emociona públicos de diferentes idades.

O artista continua a residir em sua cidade natal. Conforme relata, as tradições não estão presentes no seu guarda-roupa usual. Sua preferência, no dia-dia, é de usar algo mais confortável, de acordo com o clima.

### ***Junior Benaduce***

Junior Benaduce, 57 anos, cantor e compositor da música nativista gaúcha, é natural de Santa Maria. O artista mante em suas composições um estilo mais alternativo.

Benaduce conta que a paixão pela música é de família. “O pai ouvia a rádio El Mundo, de Buenos Aires, e era um apaixonado por tango e músicas latinas; a mãe amava samba e músicas de carnaval; o irmão já saiu para o lado do rock, como Pink Floyd, Eagles, Kraftwork e Beatles. Mundos distantes da nossa cultura”, relata. E acrescenta: “Minha irmã era a gauchona. Ouvia Cenair Maicá, Pedro Ortaça, Noel Guarany, Os Serranos”.

### **Considerações Finais**

O estudo revelou a importância do site Cancioneiro Gaúcho como um exemplo de jornalismo que documenta a cultura gaúcha. Um espaço onde obteve-se um resgate da música gaúcha contada através de entrevistas com quatro artistas da musicalidade do Rio Grande do Sul, realizadas de forma virtual ao longo do ano de 2020 e 2021, em meio a pandemia do Coronavírus.

Este trabalho teve o propósito de resgatar as peculiaridades da música gaúcha contada por quem as vivências e as leva até os consumidores desta arte que é a música. Além deste aspecto, este estudo manteve o objetivo de levar aos leitores através do site Cancioneiro Gaúcho a experiência dos artistas com curiosidades pessoais e de suas canções.

O pretexto desenvolvido neste trabalho final de graduação foi de dar continuidade ao um trabalho já antes desenvolvido por este acadêmico dentro do curso de jornalismo da Universidade Franciscana (UFN). O resultado alcançado foi levar aos leitores do Cancioneiro Gaúcha a experiência de conhecer seus artistas mais a fundo, mas ainda assim com responsabilidade e, de resgatar a história da música gaúcha contada por seus artistas.

## Referências

BALLERINI, Frantjesco. Jornalismo Cultural no Século 21. São Paulo: Summus, 2015.

COPETTI, André. Música Gaúcha. Disponível em: <https://andrecopetti.webnode.com.br/products/mpg/>. Acessado em 11/11/2022.

COUGO, Francisco Junior. A historiografia da “música gauchesca”: apontamentos para uma História. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades, Curitiba, n. 10, p. (01-23), outubro, 2012. Disponível em: <https://revistacontemporaneos.com.br/n10/dossie/histografia-musica-gauchesca.pdf>. Acessado em 11/11/2022.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. Daniel Piza. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ZUSE, Aline Silveira. Entrevista pelo autor.

## Apêndice

**ANTÔNIO CÉSAR PEREIRA JACQUES**

<b>APELIDO</b>	Baitaca
<b>DADOS PESSOAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 56 anos</li> <li>• Nascido em São Luiz Gonzaga (RS)</li> <li>• Atualmente reside na localidade de Rincão dos Pintos, interior do município de São Luiz Gonzaga (RS)</li> </ul>
<b>ESTILO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vaneira</li> <li>• Chamamé</li> </ul>
<b>CARREIRA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeiro lugar em “trova”, na categoria mirim, pelo CTG Sinos de São Miguel.</li> <li>• 1997 - Destinchando o Bagualismo (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2001 - História do Tico Louco (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2001 - Rodeio Campeiro (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2002 - Meu Rio Grande é Deste Jeito (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2003 - Vida de Campeiro (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2005 - Para Sempre Sucessos (<i>Coletânea</i>)</li> <li>• 2006 - Bailanta da Boneca (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2007 - Baitaca (<i>Ao Vivo</i>)</li> <li>• 2008 - Baitaca Canta Francisco Vargas (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2009 - Marca de Campo (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2010 - Estampa de Galpão (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2010 - Reformando a Mulher Véia (<i>DVD</i>)</li> <li>• 2012 - Da Doma Pro Rodeio (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2012 - Do Fundo da Grota (<i>DVD</i>)</li> <li>• 2014 - O Melhor do Baitaca (<i>Coletânea</i>)</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2013 - Campeiro Não Tem Enfeite (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2016 - De Campeiro Pra Campeiro (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2020 - Galponeiro e Aporreado (<i>álbum de estúdio</i>)</li> </ul>
<b>CURIOSIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baitaca é um apelido que herdou de seu avô, cujo nome refere-se à Maitaca, ave nativa Brasileira, muito encontrada na região missioneira.</li> <li>• As músicas compostas por ele em sua maioria possuem duplo sentido, tais como, <i>História do Tico Loco</i>, <i>Campeiro não tem enfeite</i>, <i>Reformando a muié véia</i>, <i>Pinto Coió</i> entre outras.</li> </ul>

Para Baitaca suas letras contam histórias sobre a vida no campo, além de serem fieis ao estilo galponeiro. “Cantar foi um dom que Deus meu deu. Tudo que fizemos de alguma forma é um dom nosso entregue pelo patrão lá de cima, quando ele acha que a pessoa merece ele entrega, e eu fui presenteado com o canto”, afirma Baitaca.

### JAIRO ALVINO FERNANDES

<b>APELIDO</b>	Jairo <i>Lambari</i> Fernandes
<b>DADOS PESSOAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 54 anos</li> <li>• Nascido em Cacequi (RS)</li> <li>• Atualmente reside em Cachoeira do Sul (RS)</li> </ul>
<b>ESTILO</b>	Romântica (nativista)
<b>CARREIRA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciou sua projeção artística em 1994 participando da 14ª Tertúlia Nativista, em Santa Maria (RS).</li> <li>• Vencedor do Festival Nativista Ponche Verde da</li> </ul>

	<p>Canção Gaúcha, de Dom Pedrito (RS).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vencedor da Califórnia da Canção Nativa.</li> <li>• Vencedor do Minuano da Canção.</li> <li>• Em 2001, conquistou o Troféu Revelação da Música Regional do Prêmio Açorianos.</li> <li>• 2002 – De Flor e Luna (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2004 – Buena Vida (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2011 – Cena de Campo (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2019 – Inéditas (<i>streaming</i>)</li> <li>• 2022 – Há um Sul em mim* (<i>streaming</i>)</li> </ul>
<b>CURIOSIDADE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jairo herdou o apelido, Lambari, das partidas de futebol e por ser muito magro na época herdou o apelido dos colegas.</li> <li>• Lambari recorda que aprendeu a tocar em um boliche**, em Cacequi, no Rio Grande do Sul, onde observava atentamente o dedilhar do violão e com um bloquinho desenhava as notas musicais para replica-las em casa.</li> </ul>

Entre versos e poemas, Jairo Lambari leva o romantismo do homem e da mulher do campo encilhados de apreços, simpatia e muito amor carregado em suas composições.

### LISANDRO AMARAL

<b>DADOS PESSOAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 41 anos</li> <li>• Natural e residente em Bagé (RS)</li> </ul>
<b>ESTILO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Milonga</li> <li>• Chamamé</li> </ul>
<b>CARREIRA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2001 – A moda antiga (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2005 – Razões de ser (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2011 – Canto Ancestral (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2013 – Querência e caminho (<i>álbum de estúdio</i>)</li> <li>• 2017 – Cancioneiro a moda antiga (<i>álbum de</i></li> </ul>

	<p><i>estúdio)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 2019 – Estrada Real (<i>álbum de estúdio</i>)</li> </ul>
<b>CURIOSIDADES</b>	Cantor, poeta e compositor, Lisandro é influenciado pelos versos de Jayme Caetano Braun, Eron Vaz Matos, Aureliano de Figueiredo Pinto e o estilo musical simples e enraizado de Noel Guarany

Um canto ancestral, é o que define as obras de Lisandro Amaral, mesclando emoções e autenticidade o cantor emociona públicos de diferentes idades.

### **JUNIOR BENADUCE**

<b>DADOS PESSOAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 55 anos</li> <li>• Natural e residente de Santa Maria (RS)</li> </ul>
<b>ESTILO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Milonga</li> <li>• Chamamé</li> <li>• Vaneira</li> </ul>
<b>CARREIRA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1988 – Primeiro lugar no Fegart (<i>hoje Enart*</i>)</li> <li>• 1998 – Vencedor da 18ª Califórnia da Canção Nativa</li> <li>• Avaliador de eventos como: Enart*, Fepart** e Fenart***</li> <li>• Integrou o Instituto Estadual de Música, do governo do Rio Grande do Sul</li> <li>• Integrou a Secretaria de Cultura do município de Santa Maria</li> </ul>
<b>CURIOSIDADE</b>	A paixão pela música é de família, Benaduce conta que o pai ouvia a rádio El Mundo, de Buenos Aires, e era um apaixonado por tango e músicas latinas; a mãe

amava samba e músicas de carnaval; o irmão já saiu para o lado do rock, como Pink Floyd, Eagles, Kraftwork e Beatles.

Para o cantor o tradicionalismo é ter a terra no coração e ter orgulho dela, “A gente não precisa usar bombacha para ser gaúcho, basta ser honrado e cultuar as coisas boas no teu coração”, finaliza Benaduce.